

Medievalismo: uma breve introdução

Medievalism: a very short introduction¹

Eduarda Moysés Temponi

Graduanda em História
Universidade Federal de Minas Gerais
eduarda.temponi@gmail.com

Luiz Felipe Anchieta Guerra

Mestrando em História
Universidade Federal de Minas Gerais
anchietaguerra@gmail.com

Resumo: tendo começado como uma subdivisão à margem dos estudos medievais propriamente ditos, e tendo suas raízes na área dos estudos culturais, o medievalismo vem se tornando cada vez mais um elemento central dos estudos medievais, ao passo que eles começaram a reconhecer a importância fundamental de questões teóricas, tais como periodização e temporalidade.

Palavras-chave: temporalidades; periodização; estudos culturais; pós-colonialismo.

Abstract: Having begun as a marginal subdivision of medieval studies proper, medievalism with its roots in cultural studies is increasingly becoming a central element of medieval studies, as medieval studies begins to acknowledge the fundamental importance of theoretical issues such as periodization and temporality.

Palabras clave/Keywords: temporality; periodization; cultural studies; postcolonialism.

O medievalismo, aqui entendido como a investigação acerca das diferentes formas sob as quais a Idade Média foi apreendida e construída por períodos posteriores, se tornou nos últimos trinta anos um dos ramos que mais crescem dentro dos estudos medievais. Há conferências regulares tratando do medievalismo, existe um periódico sobre medievalismo, e, ao longo da última década, não houve praticamente ano algum sem a publicação de um ou mais livros sobre filmes medievais. Inclusive, em 2010, o congresso da New Chaucer Society chegou a sediar uma sessão dedicada ao “medievalismo medieval”. Esse evento parece marcar o triunfo final do medievalismo como um campo de estudos:

¹ BERNIS, Ute; JOHNSTON, Andrew James. **MEDIEVALISM: A VERY SHORT INTRODUCTION**. European Journal of English Studies. Volume 15, 22 jul 2011, republicado com a permissão do editor Taylor & Francis Ltd, <http://www.tandfonline.com>

em uma brecha flagrante do decoro cronológico, a questão parece ter nos trazido de volta ao ponto de partida. Caso seja possível identificar dentro da própria cultura medieval essas estruturas de pensamento e questionamento, e esses tropos e topoi que moldaram a noção mais recente do medieval – algo que foi também debatido em uma monografia recente (Johnston, 2008) – então, ironicamente, parece que o medievalismo se encontra na iminência de assumir a centralidade como uma área de pesquisa e discussão acadêmica dentro do estudo da Idade Média.

De onde essa fascinação crescente com o medievalismo vem e quais são as forças que a conduzem? Até um certo ponto, o medievalismo é um típico derivado dos estudos culturais, e, desde seu início, teve um foco muito forte em imagens corriqueiras da Idade Média; nos filmes e quadrinhos, nos jogos de computadores e nas formas de reencenação histórica. Entretanto, também tratou de fenômenos de elite, como é o caso das recriações Vitorianas do passado medieval como defendidas, por exemplo, pelos Pré-Rafaelitas. Especialmente em seus estágios iniciais e na medida em que se preocupava com temas populares, o medievalismo parecia carecer de credenciais acadêmicas e ameaçava permanecer um esforço acadêmico muito marginal. Todavia, quanto mais os estudos culturais se consolidaram nos currículos, mais o medievalismo atingiu respeitabilidade – sem a qual nenhuma temática de estudos pode passar de uma moda passageira a uma preocupação central da comunidade acadêmica.

Concomitantemente, o medievalismo foi alimentado por outros importantes impulsos, os quais, apesar de nem sempre explicitamente alinhados ao medievalismo como um projeto, contribuíram para a configuração do fenômeno que tomamos por medievalismo nos dias de hoje. Um exemplo importante desse tipo de medievalismo pode ser visto na incisiva crítica medievalista de Lee Patterson (1987) ao então empolgantemente novo Novo Historicismo. O que Lee Patterson (57-74) apontou na época foi nada menos que – devido às raízes foucaultianas e às outras abordagens pós-estruturalistas das quais o Novo Historicismo ainda dependia – ele, na realidade, reforçava as barreiras de periodização tradicionalmente impostas, as quais relegaram à Idade Média ao papel de um Outro genérico em relação aos (primeiros) Modernos.

A questão então levantada é de cronologia e temporalidade. Cada vez mais, os medievalistas começaram a questionar os limites da periodização que marcavam a Idade Média, tanto em relação à Antiguidade Tardia, quanto ao Renascimento. Tipicamente, esse questionamento seguiria uma de duas

trajetórias. Ou ele se concentraria na noção de periodização em si, resultando, portanto, em uma investigação acerca dos enquadramentos ideológicos que ajudam a manter as fronteiras temporais no lugar, ou ele tomaria parte na desestabilização dessas fronteiras de periodização ao, simplesmente, permitir que os medievalistas se movimentassem em territórios do início da Idade Moderna. Obviamente, essas duas trajetórias não são mutuamente excludentes, posto que frequentemente as encontramos combinadas. E esse [esforço] também não é um projeto unilateral. Os empenhos feitos por medievalistas têm sido progressivamente aclamados e apoiados pelos estudiosos do Renascimento. Portanto, os últimos cinco anos foram agraciados com uma série de publicações nas quais medievalistas e estudiosos do início da Era Moderna colaboraram a fim de criticar ou redefinir os conceitos vinculados à Idade Média e ao início da Idade Moderna (ex. CUMMINGS e SIMPSON, 2010; MACMULLAN e MATTHEWS, 2007). E não é coincidência alguma que uma dessas últimas coleções editadas comece com um artigo (DE GRAZIA, 2010, p.13–32) que investiga a noção de anacronismo e o papel que essa ideia desempenhou na formação dessas disciplinas acadêmicas que, a partir do século XVII, têm determinado o estudo acadêmico do passado medieval – tanto em áreas da Filologia quanto da História.

Com isso, embora não tenha perdido de forma alguma o seu interesse pelas reconstruções populares da Idade Média, o medievalismo se expandiu dentro daquilo que tradicionalmente é visto como estudos medievais propriamente ditos. Esse crescimento está fornecendo, cada vez mais, perguntas e abordagens à área, visando esmiuçar essas mesmas temporalidades, tão facilmente tomadas como naturais quando se fala sobre a Idade Média – questão essa discutida por Richard Utz em sua contribuição para este volume.

Uma fonte de inspiração que tornou isso possível foi o paradigma pós-colonial, com suas análises sobre a forma de estabelecimento de uma noção do Outro. Apesar de que a maioria das instâncias individuais dos estudos pós-coloniais, e grande parte da teoria pós-colonial, tenderam a não considerar os conceitos de tempo e de periodização que moldaram a base dessa criação do Outro [othering] – “[a teoria pós colonial] negligenciou o estudo do passado distante, posicionando, e não interrogando, a anterioridade contra a qual regimes de poder modernos supostamente emergiram” (COHEN, 2003, p. 19)–, alguns proeminentes teóricos pós-coloniais se mostraram muito conscientes do fato de que as formas de marginalização culturais e geográficas do sujeito colonial podem ser

verdadeiramente estudadas caso se preste atenção à maneira como as noções ocidentais de temporalidade participam na formação do sujeito colonial: “O historicismo, portanto, supôs o tempo histórico como medida da distância cultural (ao menos no desenvolvimento institucional) que supostamente existe entre o Ocidente e o não-Ocidente”. (CHAKRABARTY, 2000, p.7).

As afinidades entre as inquietações recentemente suscitadas e as ideias convencionais de periodização em estudos medievais, de um lado, e o projeto pós-colonial, de outro, resultaram não somente em um número crescente de publicações sobre a Idade Média pós-colonial, mas podem também ajudar na explicação do motivo dos acadêmicos estarem dispostos a conceituar, ao final da primeira década do novo milênio, uma noção aparentemente monstruosa como a de “medievalismo medieval”, já mencionada anteriormente. Assim como a ideia de “pós-colonial” [postcolonial] – em oposição a simplesmente “após a colonização” [post-colonial] – transgride, no nível da teoria, a ideia de que o pós-colonial está predominantemente preocupado com o que aconteceu depois do colonialismo, o medievalismo pode ser visto, na realidade, não meramente em termos de como a Idade Média foi construída depois que tinha, para todos os efeitos, acabado, mas sim como uma empreitada teórica e metodológica crucial que nos ajuda na reconciliação com as formas de periodização dominantes no discurso histórico do Ocidente por séculos, e, possivelmente, por milênios, isto é, desde quando existiu alguma noção de Ocidente – e isso pode inclusive nos levar à época de Heródoto.

Dessa forma, longe de representar meramente um adendo marginal aos estudos medievais, o medievalismo promete se encarregar de uma das mais revigorantes tendências não apenas dos estudos medievais, mas dos estudos do início da modernidade, do romantismo, da era Vitoriana, do pós-colonialismo e do cinema. Os artigos compilados neste volume anseiam representar ao menos algumas variedades de medievalismo correntes, com Richard Utz, proporcionando um panorama da história do medievalismo e das implicações teóricas dessa história; com Felix Sprang e Wolfram R. Keller, investigando o relacionamento dialógico entre o medieval e o começo do moderno na literatura inglesa; com as reflexões de Candace Barrington sobre os efeitos da Guerra Civil Americana em um leitor específico de Chaucer e Spencer, e como isso mostra até a que ponto as atitudes acadêmicas podem, elas mesmas, serem moldadas por respostas supostamente populares aos textos medievais; e com Elke Koch e Margitta Rouse, analisando as formas como a mídia contemporânea conceitua o medieval e isso, assim, – em maior ou menor grau – se reflete em seu próprio status como mídia.

Referências bibliográficas:

- Chakrabarty, Dipesh (2000). **Provincializing Europe**. Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton and Oxford: Princeton University Press.
- Cohen, Jeffrey Jerome (2003). **Medieval Identity Machines**. Medieval Cultures 35. Minneapolis and London: University of Minnesota Press.
- Cummings, Brian and Simpson, James (2010). **Cultural Reformations**. Medieval and Renaissance in Literary History. Oxford: Oxford University Press.
- De Grazia, Margreta (2010). **'Anachronism.'** **Cultural Reformations. Medieval and Renaissance in Literary History**. Eds Brian Cummings and James Simpson. Oxford: Oxford University Press. 13–32.
- Johnston, Andrew James (2008). **Performing the Middle Ages from Beowulf to Othello**. Turnhout: Brepols.
- Macmullan, Gordon and Matthews, David, ed. (2007). **Reading the Medieval in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Patterson, Lee (1987). **Negotiating the Past: The Historical Understanding of Medieval Literature**. Madison: University of Wisconsin Press.